



REJU - Rede Ecumênica da Juventude.  
SP, 01 de fevereiro de 2011.  
Campanha Nacional Contra a Intolerância Religiosa.

*Raquel Lima Catalani*<sup>1</sup>

### **Para que o amor reconquiste seu lugar**

*Não agradará a Deus ser pensado, dito e celebrado nas mais variadas pronúncias? Não apreciará as danças e os ritos dos afro-americanos? Não se alegrará com os grandes sonhos e mitos dos xavantes ou dos krain-akarore? Por que todos estes devem se fazer outros, deixar de ser o que são, para se aproximar daquele Deus que em seu Filho Jesus tanto se aproximou da carne humana?*

*(Leonardo Boff)*

No último dia 21 de janeiro comemoramos mais um Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa no Brasil. Uma conquista de movimentos que lutavam pela liberdade e pelos direitos de igualdade religiosos no país, este dia foi estabelecido pelo governo no ano de 2007 e a data escolhida em homenagem à mãe Gilda, yalorixá que faleceu de um enfarto no dia 21 de janeiro de 2000, dias após sofrer ataques físicos e verbais em seu Terreiro e ter sua foto relacionada à manchete “macumbeiros charlatões lesam o bolso e a vida de clientes” na capa do jornal “Folha Universal”, da Igreja Universal do Reino de Deus.

Assim como mãe Gilda, outras inúmeras pessoas sofrem com agressões semelhantes diariamente. No mundo, as guerras de caráter religioso já mataram milhões de pessoas. No Brasil não foi diferente e, apesar dessas guerras não acontecerem mais, a violência e as agressões continuam, sejam elas físicas, escritas ou verbais. A discriminação e o preconceito fazem com que muitas crianças, jovens, adultos e idosos sintam-se inibidos a expressarem sua fé e sua cultura religiosa. As exclusões por motivo religioso, especialmente com fiéis de religiosidades afro, são frequentes e as violências na maioria das vezes não são denunciadas.

Mas por que há esta intolerância num país formado desde seu princípio por diferentes religiões e culturas, por uma sociedade composta por tamanha diversidade

---

<sup>1</sup> Teóloga pela Universidade Metodista de São Paulo, pertencente à tradição pentecostal e à REJU-SP.

como é a sociedade brasileira? Não deveriam essas diferenças se respeitarem? E por que a disseminação de tanta violência por parte de religiões que possuem como princípios fundamentais valores como o amor, a solidariedade, a paz?

Em primeiro lugar, questões como essas nos levam à necessidade de *relembrarmos* a história de nosso país e tentarmos compreender a construção de nossa sociedade. Olhando para o passado percebemos que a intolerância religiosa de hoje aparece como uma das feridas ainda abertas que foram provocadas por projetos autoritários de poder impostos desde a nossa colonização. O teólogo católico Leonardo Boff diz que:

Difícilmente na história do Ocidente encontramos tanto etnocentrismo, dogmatismo, fundamentalismo e totalitarismo como na visão dos europeus do século XVI. Essa rigidez cultural e religiosa está na raiz do etnocídio e da violência aplicada sem cerimônia contra indígenas e negros durante séculos, e que perdura no inconsciente coletivo e nos hábitos autoritários das classes dominantes latino-americanas até os tempos atuais.<sup>2</sup>

A história do Brasil é marcada pela colonização violenta e opressora realizada pelos portugueses cristãos. Indígenas que aqui viviam e negros traficados como escravos da África eram obrigados a deixarem suas culturas e religiões e a se prostrarem diante da cruz Católica. Igreja e Estado permaneciam unidos pelos seus projetos de expansão que nada tinham a ver com a expansão do amor tão desejada e proclamada por Jesus. Anos depois, a chegada dos protestantes no Brasil foi seguida de diversos conflitos, especialmente entre protestantes norte-americanos que desejavam impor sua cultura e religião e os católicos que resistiam com o privilégio do poder como religião oficial do país.

Assim, os encontros entre as diferentes religiões no Brasil foram na maioria das vezes desrespeitosos e opressores por aqueles grupos que detinham o poder. Ainda, sabemos que as religiões e a intolerância religiosa estão relacionadas com a realidade socioeconômica desigual que foi construída em nosso país. Ou seja, as religiões que mais sofrem com a intolerância são principalmente as religiões dos povos indígenas e africanos, aquelas que permaneceram vivas depois de séculos de perseguição e resistência.

---

<sup>2</sup> BOFF, Leonardo. *América Latina: da conquista à nova evangelização*. São Paulo: Editora Ática, 1992. p. 18.

Em segundo lugar, as questões que propomos nos levam à necessidade de *repensarmos* nossa realidade. Quando olhamos para o nosso passado compreendemos esta intolerância histórica e se faz imperativo, então, olharmos para o nosso presente.

Hoje, o Estado brasileiro preza em sua Constituição pela laicidade, ou seja, valoriza todas as expressões religiosas e todas as pessoas, sejam elas pertencentes a alguma crença ou não. Além disso, a Constituição Brasileira possui muitos avanços em direção a este ideal de liberdade e justiça da sociedade, contemplando em seu texto constitucional<sup>3</sup> todas as cláusulas da Declaração Universal dos Direitos Humanos redigidas pela ONU. Porém, esses avanços estão longes da prática efetiva da sociedade e ainda necessitam de grandes esforços para os alcançarmos.

Como vimos, vivemos os reflexos da imposição religiosa estabelecida desde o período colonial pela cultura cristã européia dominante. A disparidade social que marca o nosso país, onde há uma pequena porcentagem de ricos que se afastam da pobreza que acomete a grande maioria, foi e ainda é refletida na religiosidade da sociedade brasileira. São vidas que foram e continuam a serem excluídas no âmbito social, no econômico, e além disso, sofrem com o rechaçamento de suas culturas e religiosidades.

Dentro deste quadro também entra em cena a competitividade que há entre as religiões e/ou denominações, o desejo de muitas por angariarem fiéis para si, onde os discursos de negação e até demonização da religiosidade do outro crescem, e os valores de partilha, fraternidade e respeito, tão presentes na essência das religiões, acabam por serem esquecidos.

Em terceiro e decisivo lugar, depois de relembrarmos nossa história e repensarmos nossa realidade, as questões que levantamos nos levam à necessidade de *reconstruirmos* essa nossa realidade. A construção de nosso país, do nosso mundo, depende de nós. Somos nós quem o construímos e quem decidimos como fazê-lo. A partir de nossas reflexões, discursos e ações educativas que apontem para a compreensão da importância da alteridade, do amor e respeito ao próximo, podemos impedir a proliferação da intolerância e estabelecer novas realidades onde a justiça e a liberdade governem. Em nós está a tarefa da reprodução do mundo socialmente construído, e cabe principalmente a nós, juventude, a tarefa de reconstruirmos uma

---

<sup>3</sup> Conforme estabelecido no inciso VI, artigo 5º da Constituição Federal promulgada em 1988, é assegurado o direito à liberdade religiosa. Além deste, outros incisos contidos no artigo 5º relacionam-se com a proteção à liberdade de crença, culto e expressão religiosa. Acesso ao texto pelo link: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)

nova história, de, reconhecendo este passado de tanta violência e morte, lutarmos por um presente e um futuro de vida, em que todos possam ter seus direitos reconhecidos e respeitados. Nesta geração precisamos ser mais que “uma banda numa propaganda de refrigerantes”, a juventude precisa se conscientizar desse seu papel de construtora do mundo, não mais reproduzindo velhos preconceitos e injustiças, mas se abrindo e lutando pelas mudanças no caminho da justiça e da dignidade a todos.

A juventude ecumênica possui esta convicção, ela reconhece a pluralidade religiosa de nossa sociedade, a importância da vivência e do diálogo com as diferenças, além da necessidade dessa vivência para a busca pela justiça social, econômica, cultural e ambiental. A Campanha Nacional Contra a Intolerância Religiosa deste ano, promovida pela Rede Ecumênica da Juventude (REJU), converge neste sentido: é a juventude rejeitando toda forma de desrespeito e injustiça e se unindo na luta pela construção de novas realidades onde haja vida digna a todos, é a expressão do amor verdadeiro daqueles corações que encontram no outro humano o real sentido do divino.

Relembrar, repensar e reconstruir. Penso nesses como os três passos essenciais para que o amor possa superar a intolerância e reconquistar o seu lugar no seio das religiões.